

A Teoria Geral dos Complexos: uma leitura do mundo inscrita no coração do filósofo-poeta Gaston Bachelard

*The General Theory of Complexes: a reading of the world inscribed in the heart of the poet-philosopher
Gaston Bachelard*

Luzia Batista de Oliveira SILVA

Pós-Doutora em Antropologia-Sociologia, PUC-SP, 2010-2013

Pós-Doutora em Filosofia UNB - Dijon-Fr - 2011-2012

Filósofa, pesquisadora, professora, escritora

E-mail: lubaos@gmail.com

Resumo:

O artigo objetiva discutir a relevância da Teoria Geral dos Complexos na obra do filósofo Gaston Bachelard e autores diversos, considerando que seu olhar sobre o mundo e as coisas é profundo e curioso, remetendo-nos para uma leitura do mundo ao modo do educador-filósofo Paulo Freire. A pesquisa teve início no mestrado e se estendeu por toda a vida da pesquisadora, que compreende quase trinta anos de pesquisa e buscas em redes de internet, revistas, jornais e fontes documentais e bibliográficas. Este artigo trata de discutir a relevância de uma segunda edição, revista e ampliada com realinhamento do título nesta nova versão. A metodologia utilizada foi a crítico-investigativa.

Palavras-Chave: Bachelard, Teoria Geral, Complexos, Leitura de mundo.

Abstract:

This article aims to discuss the relevance of the General Theory of Complexes in the work of the philosopher Gaston Bachelard and various authors, considering that his view of the world and things is profound and curious, leading us to a reading of the world in the manner of the educator-philosopher Paulo Freire. The research began during the author's master's degree project and continued throughout her life, which includes almost thirty years of research on the Internet, in magazines, newspapers, and in documentary and bibliographic sources. This article discusses the relevance of a second edition, revised, expanded and with a realignment of the title in this new version. The methodology was a critical-investigation.

Keywords: Bachelard, General Theory, Complexes, Reading the world.

INTRODUÇÃO

O interesse pela obra de Gaston Bachelard nasceu nos anos 90, quando eu terminava a faculdade de Filosofia, que, por motivos de força maior, tive que me ausentar por um certo período de tempo. Quando retornei, já era mãe e tinha superado um adoecimento grave. Meu olhar era outro, o de uma pessoa mais vivida, mais sofrida, mas, também, mais madura, porque os sofrimentos ensinaram-me a enxergar melhor e a saborear mais cada escolha que fiz na minha vida. Ao finalizar o bacharelado em Filosofia, decidi, na sequência, fazer Mestrado em Filosofia. Fui, então, pesquisar alguns filósofos contemporâneos relevantes.

Ao procurar material sobre alguns filósofos, tive dificuldade, uma vez que, nos anos 80 e 90, havia muita tradução para o português, mas nem sempre eram traduções de boa qualidade. No curso, muitas vezes, a segunda opção era as traduções, em francês, da obra Nietzsche, por exemplo, as feitas por Giles Deleuze. Para um curso, o material era aceitável, mas para uma pesquisa, em francês, era uma tarefa árdua e difícil, considerando que um bacharelado tem uma curta duração - 24 meses - e muitas disciplinas que compõem o currículo, sobrando, por isso, pouco tempo para uma pesquisa de fôlego.

Num curso sobre o filósofo Henri Bergson, deparei-me com obras de Gaston Bachelard e de Henri Bergson da Editora Abril Cultural. Henri Bergson era uma necessidade naquele momento para as aulas do mestrado. Fiz, por isso, a leitura desse filósofo e, em seguida, comecei a ler G. Bachelard. Primeiro, li a obra *A Poética do Espaço*. Foi uma viagem sem volta; na sequência, a segunda obra, *O Novo Espírito Científico*. A curiosidade ficou mais aguçada e, então, resolvi procurar mais obras e textos de Gaston Bachelard e para minha surpresa, encontrei excelentes traduções feitas no Brasil¹ e também obras traduzidas por editoras de Portugal. Fui conversar com o Prof. Dr. Lafayette de Moraes, depois de muitos anos frequentando suas aulas e grupos de pesquisa na subárea de Lógica. Então, confessei-lhe meu interesse por Gaston Bachelard. Prontamente, ele comentou isso com sua amiga a Prof^a. Dr^a. Constança Marcondes Cesar, que, na época, era docente na Puccamp. Depois da conversa com a professora Constança, a pesquisa começou a caminhar. Passei a ler também obras que não tinham tradução do francês. Fiquei cada vez mais interessada em conhecer mais e mais a obra de Gaston Bachelard². O

¹ Editora Martins Fontes.

² A dissertação na primeira versão ficou com o título: *Psicanálise, Poética e Epistemologia: a contribuição de Gaston Bachelard* (1999, 86 páginas), na segunda versão: *Psicanálise, Poética, Epistemologia e Educação: A contribuição de Gaston Bachelard* (2018, 192 páginas), a obra foi revista e ampliada na segunda versão, com acréscimo resumido dos complexos, passou de 20 para 68 e um elenco com 21 mitos de autoria de Bachelard. No que tange ao mitos, penso que faltam estudos em Bachelard que possam averiguar sua relevância nesse quesito.

encontro com um autor que nos toca é, de certa forma, um encontro com nós mesmos, com nosso mundo real e imaginário, com nossa vida de cidadão e como enxergamos e compreendemos o mundo e a cidade da qual fazemos parte. Isso nos leva a perguntar: Quais são as nossas expectativas de pesquisadores e aprendizes da vida social, histórica, filosófica e humana? Quais as escolhas e caminhos que podemos e queremos seguir sob a orientação de um grande autor? O encontro com a Filosofia de Gaston Bachelard guiou-me nas novas leituras do mundo, com novos aprendizados sobre a vastidão dos conhecimentos no campo da Filosofia, e, em se tratando de Gaston Bachelard, sem dúvida, nos surpreendemos a cada leitura, a cada virar de uma página. Bachelard foi, com certeza, o autor-chave para o despertar da minha curiosidade, espanto e inquietação sobre os complexos. Por que um filósofo se voltaria com tanta curiosidade e questionamento sobre um aspecto da natureza humana – o complexo – que parece ser de interesse mais dos psicanalistas e psicólogos do que exatamente de um filósofo e conceituado epistemologista?

Quanto ao livro publicado sobre a teoria dos complexos, na segunda versão, eles foram ampliados para 239, 68 em Gaston Bachelard, 30 em Gilbert Durand e 2 de minha autoria, no mesmo estilo e padrão arquetípico e psicanalítico de Bachelard. O primeiro: *O complexo de Zé Ninguém*, uma homenagem a W. Reich³. Trata-se do homem medíocre, médio, comum e insensível com os dramas da vida, aquele que vive espionando a vida alheia, que fomenta a maledicência, que se compraz em ser mesquinho e explorar a vida alheia:

Esse homem médio e comum deve ser investigado e analisado, na medida em que se pode discutir essa estereotipia como uma espécie de acomodação/alienação intelectual; insensibilidade/dificuldade para viver em sociedade de maneira dinâmica, aberta, questionadora. Discute-se por que a mediocridade e a mesquinhez prevalecem na sociedade que se compraz em promover uma vida equivocada – reforçando a perversão dos envolvidos, acentuando o sofrimento e a fragilidade alheia. Discute-se, também, por que esse homem médio e comum pode ser qualquer sujeito, o político, o economista, o socialista, o filósofo, o capitalista, o médico, o músico, o poeta, o educador, o ditador, o pacificador, o revolucionário, o descontente, o impotente, o repressor, o alienador. Pode ser aquele que saboreia o mal que pratica e não se apercebe disso; todo aquele a quem a cegueira não permite ver, nem a si mesmo e nem ao outro, não lhe permite ver o sofrimento, a fraqueza e as próprias limitações pessoais; não lhe permite ver a dor estampada no rosto alheio; não lhe permite ser solidário e fraterno na convivência. (Silva, 2023, p. 323)

³ O complexo de Zé Ninguém foi criado a partir da obra **Escuta, Zé ninguém**, de W. Reich. Trata-se do homem maledicente e curioso, mesquinho e insensível, hoje, pode ser que está sendo representado nos meios de comunicação, pelas figuras que assistem aos *Bigs brothers* da vida, contando com milhares de pessoas que se conectam às mídias televisivas, a fim de vigiar os participantes enclausurados, e todos eles, sonham com a possibilidade de sair vencedor, se tornar um novo rico, mas são as vigilâncias e as maledicências que correm soltas que colocam a adrenalina para funcionar, tem-se muita exploração de pessoas mediante discussões que alimentam a curiosidade midiática do país.

O segundo complexo é *O Complexo de Sinbazinha* (Oliveira⁴, 2023, p.16-17)

A deseducação é um projeto político contra pobres, negros, indígenas e os ignorantes pobres ou ricos, rasos, grosseiros, que não olham para o próprio corpo a não ser nas vitrines e através dos bisturis que nunca fizeram milagres, plásticas que deformam, cirurgias que enganam vitrines, tetas exuberantes para agradar o mundo, qual mundo? Seu ou de outrem? Gente que gosta mais do que não tem do que aquilo que tem em si mesmo. Sim, gente que tem pretensão demasiadamente doída, expondo suas tetas como propaganda dos 'milagres' dos bisturis; gente com *complexo de sinbazinha*, o complexo que faz reinar o ódio e a inveja cega da irmã da senzala que nunca foi irmã, mas apenas um instrumento nas mãos criminosas de almas buliçosas, como a do 'senhor de terras, compradas sabe Deus como (OLIVEIRA, 2023, p. 16-17).

Dissertação, Tese e Relatório pós-doutoral na compreensão dos complexos

Na Dissertação de mestrado, primeiramente, discutiu-se sobre a categoria de *Psicanálise do Conhecimento objetivo*, uma categoria potente na obra de Gaston Bachelard e uma categoria que, inevitavelmente, levou-me a ter interesse pelos estudos de alguns psicanalistas, citados por Bachelard em diversas de suas obras, como Charles Baudoin, o iniciador da psicanálise advinda de E. Coué, que admite a existência de um inconsciente e adota ideias já existentes antes de Freud, que compreendeu a psicanálise como método de investigação e trabalho clínico e terapêutico, terapia para alívio das dores e desbloqueio do inconsciente na cura dos instintos recalçados, e o inconsciente, como o centro energético da vida humana; Carl-Gustav Jung adotou o termo de "psicologia analítica" ao se referir à psicanálise. Estudou e analisou categorias como: inconsciente coletivo, arquétipo, psicologia analítica, *animus* e *anima*; e Robert Desoile, com a psicoterapia do "sonho acordado dirigido", ou seja, com o uso do imaginário. Psicanalisar, como alerta J. Corti (apud Quillet, 1977, p. 20): "Freud psicanalisou bem os pacientes. Estendeu seu método à psicologia coletiva. Mas não sonhou em psicanalisar um objeto". Mas Bachelard, sim, e de acordo com Quillet (1977, p. 20),

Bachelard psicanalisa o objeto não somente na sua imagem e no seu uso, mas em sua própria materialidade... Apesar de sua abertura a interesses tão diversos, a obra não carrega o menor traço de ecletismo. Tudo coincide: o surracionalismo é de fato o racionalismo da física relativista e a psicanálise é de fato a propedêutica do novo espírito científico em sua função mais autenticamente freudiana: a função catártica (purificada ou depuradora).

⁴ Lu Oliveira é um pseudônimo adotado por Luzia Batista de Oliveira Silva, na publicação de obras de teor mais libertário, com estilo próprio, como contos, crônicas e ensaios. São registros do cotidiano, frutos de muita observação, sensibilidade, curiosidade, espanto, vivências e experiências pessoais, sociais e coletivas.

Quillet (1977) nos adverte que, na perspectiva anterior a Bachelard, os complexos eram considerados como elementos limitadores do entendimento humano ou limitadores do pensamento.

E, justamente porque Bachelard dialoga com todas as correntes psicanalíticas do período em que viveu, como os autores supracitados, Freud com a psicanálise, Jung com a psicologia analítica na leitura arquetípica e do inconsciente coletivo, Desoille com a cura pelo uso do imaginário, a imaginação ativa, Baudoin com a leitura psicanalítica de autores como Vitor Hugo, significa que, para além da suspeita, existe um aprendizado novo, algo a ser investigado. É isso que, a meu ver, o autor realiza em suas obras quando se refere aos complexos.

No caso de Baudoin, Bachelard não somente cita Vitor Hugo, mas também, se refere às passagens em que Baudoin analisa a obra de Hugo e lhe atribui a autoria de algum complexo. E ao modo freudiano, Bachelard examina imagens potentes de autores lendários como Xerxes, grandes escritores, e também identifica elementos que compõem um complexo. Por isso, a lista de complexos de autoria em Bachelard compreende 70⁵ complexos, atualizado nesse estudo.

Para Gabriel Kafure da Rocha (2024 [grifos meus]):

O **Complexo da Androginia** é um neologismo conceitual, aquele que pode dar conta do aspecto da complexidade do gênero humano, e tal como nas origens da filosofia, ele tem um caráter dual e múltiplo. A dualidade está no masculino e feminino, no *ânimus* e na *ânima* como instâncias psíquicas presentes em todo ser humano. A pluralidade está presente no aspecto *queer*, independente de se tratar do ser homem ou do ser mulher (macho ou fêmea), cada ser humano pode se tornar o que quiser, como uma tendência biológica natural, uma escolha de ser não binário ou, em outras palavras, escolher ser um andrógino. A androginia é um caráter excepcional da natureza, no caso do ser humano, não significa que deve se definir como um ser hermafrodita, porque o fundamental é o ponto de vista do imaginário, num estado de espírito de síntese ou suprassunção total de si. Na verdade, a androginia é a aceitação da multiplicidade que advém da dualidade humana. Ou seja, quando há complementação e paralelismo entre o *ânimus* e a *ânima*, o ser humano pode performar o gênero/sexo/identidade que preferir, mesmo sendo uma escolha pela heteronormatividade, podemos aprender a aceitar todas as demais manifestações. Nesse sentido, da mesma forma que os teóricos do imaginário consideraram relevante o estudo sobre o terceiro incluído, ou seja, do terceiro gênero ou androginia, é possível que se trata de compreender, discutir e dialogar a respeito da complexidade da alteridade sexual humana, a capacidade de se ver como "ELE/ELA/ELUS", enquanto uma multiplicidade de manifestações ligadas naturalmente aos afetos e suas potências criativas e amorosas.

⁵ O *Complexo Instrumental* (o 69º) denominado por Pierre Quillet, na obra e nas críticas de Bachelard à matéria como resistência em Sartre (o viscoso), em Bergson (de uma Evolução Criadora) que segundo Bachelard, o filósofo não explicita a resistência da matéria nessa evolução, e de Heidegger (o ser lançado, projetado no mundo) que desconsidera a resistência da matéria. O 70º é o *Complexo da Androginia*, identificado pelo pesquisador brasileiro: **Prof. Dr. Gabriel Kafure da Rocha** (IFPE-Sertão - PE-Brasil e UECE - CE-BR), que se encontra no artigo *O complexo da androginia: Uma fenomenotécnica do terceiro gênero no imaginário bachelardiano*, o artigo conta com a parceria dos pesquisadores: Profa. Dra. Luzia Batista de Oliveira Silva e Prof. Dr. Fabio Lopes Alves (UNIOESTE - Cascavel-PR).

Na releitura da obra de Pierre Quillet (1977, p. 111), foi identificado o 69º complexo em Bachelard, o *Complexo Instrumental*, que tem a ver, segundo o filósofo, com três autores; o primeiro filósofo é o alemão M. Heidegger, que, na sua analítica filosófica sobre o ser humano como um ser projetado no mundo, mostra qual é a sua ideia de vazio: "o mundo é um canteiro sem matéria, sem resistência, está submetida aos protestos de um *Dasein*⁶ sem consistência energética" (Quillet, 1977, p. 111). A crítica bachelardiana considera que toda matéria tem uma resistência. O mesmo equívoco acontece com o segundo filósofo, o francês Jean-Paul Sartre, porque "O para-si sartriano é pura paixão... O para-si sartriano não tem ferramentas à mão" (Quillet, 1977), por isso, nada lhe opõe uma resistência. No caso de Bergson, Quillet considera que há, por parte de Bachelard, um certo preconceito com a *Evolução Criadora*, dado o temperamento passivo e contemplativo de Bergson, que confundiu a qualidade com a impressão sensível e confiou à vida devoradora a função hermenêutica da práxis. Trata-se, nesses autores, de uma psicanálise dos elementos, que Quillet entende como sendo o resultado das indagações de Bachelard na obra: *La Terre et les Réveries de la Volonté*, 1948, no capítulo IV, "*La Pâte*", que versa sobre a matéria pastosa e viscosa e envolve autores como: Sartre, Bergson e Heidegger. No caso de Heidegger, isso tem a ver com a questão do ser humano ser projetado, lançado no mundo, ignorando que existe resistência por parte da matéria de mundo. "A dialética energética bachelardiana é confrontação com a hostilidade do real, polêmica criadora: é a práxis que é poesia" (Quillet, 1977, p. 111-112)

É fundamental considerar que "Bachelard tem diante da ciência e da poesia a mesma vocação de esteta. Elas o fascinam porque são belas" (Quillet, 1977, p. 27). A obra de Bachelard é bela porque é o modo inquietante e desafiador de um espírito curioso atestando sua *anima* como o ser presente em toda sua vida, considerando que a ciência e a poesia o fascinam como dois contrários que se articulam entre si e se completam.

Psicanalisar, a meu ver, tem também um certo sentido filosófico. Sabe-se, por exemplo, que, especialmente, Freud e Jung foram leitores de filosofia, de mitologia, de literatura. Quanto a Bachelard, é oportuno dizer que, mesmo não sendo a psicanálise exatamente o seu foco, alguns elementos dela o aproximavam de uma leitura sobre os complexos, ainda que ele tenha sido, em alguns aspectos, crítico de Freud; por exemplo, o pansexualismo. Para Bachelard (Quillet, 1977, p. 84-85),

...'a psicanálise é uma energética: ela deve buscar o homem, originariamente, 'no mundo das matérias e das forças', pois é no objeto material que se condensa a energia psíquica. Esta condensação caracteriza o jungismo em oposição à simbolização freudiana. A densidade da matéria tem uma significação psíquica (poeta em alemão é *Dichter*, ou seja, literalmente, condensador: a poesia se mede em peso, na gravidade das imagens)

⁶ Em português: Ser-áí.

À medida que ia lendo, chamavam muito a atenção desta pesquisadora, as citações e os comentários críticos que fazia Bachelard sobre o aparato da psicanálise contido nas obras poéticas e epistemológicas. Isso a levou, muitas vezes, a se perguntar o porquê de um filósofo comentar obras e categorias próprias do universo da psicanálise. Qual era a sua lição/ligação com autores e obras da psicanálise? Que tipo de leitores ele imaginava que leriam as suas obras poéticas, filosóficas e científicas? E para além da crítica, que comumente Bachelard tecia sobre a ciência em sua epistemologia, na poética filosófica, na psicanálise, o que, exatamente, nas imagens, categorias, estereótipos e entraves literários e epistemológicos, estava presente nas situações que ele chamava de complexo x, y e z, com tanta propriedade e sabedoria?

As imagens, os estereótipos e os obstáculos estavam sempre presentes em muitas obras de Gaston Bachelard, tanto nas obras da poética filosófica, quanto nos autores da filosofia que ele lia e que poderiam ser identificados em diversificadas situações de seus escritos. Exemplos: Nietzsche e Sartre, nos quais ele percebe a existência de um complexo⁷ em suas obras.

Foi justamente por pesquisar, também, a obra de Gilbert Durand, no doutorado, que esta pesquisadora percebeu uma forte influência do mestre Bachelard sobre a Antropologia de Durand – autor que tem em sua obra uma vasta contribuição para a Academia sobre o imaginário humano, como, também, para a compreensão dos complexos, tal como eles foram compreendidos e muito citados por Gaston Bachelard.

Ademais, na leitura dos muitos autores pesquisados e citados na pesquisa de pós-doutorado, ficou evidente que, dentre os elementos analisados que mais chamaram a atenção da pesquisadora, nas citações, foram os complexos, que, em ambos autores – Bachelard e Durand – convergiam para um mesmo sentido, imagens, estereótipos e obstáculos, o que, de certa forma, a remetia para a obra de Freud e a de Jung. Quanto a Robert Desoille, foi necessário seguir atentamente as citações e os comentários de Bachelard, visto que, no Brasil, não havia material sobre esse autor, bem como, pouco material sobre os complexos, mas esse fato não diminuiu a curiosidade da pesquisadora. Por isso, outros complexos foram encontrados também nas obras de Lacan e de outros autores da psicanálise, psicologia, antropologia, filosofia e literatura.

A busca por material sobre os complexos se estendeu aos dicionários de psicanálise e de psicologia, dicionários de diversos autores e línguas: portuguesa, espanhola, francesa e italiana. Também foram relevantes os dicionários de mitos, de filosofia, de símbolos, de literatura e das línguas já citadas.

⁷ Exemplos: O *Complexo de Altura* em Nietzsche e o *Complexo do Viscoso* em Sartre.

Também foram feitas inúmeras consultas em revistas acadêmicas e comerciais; buscas em sites e blogs da internet, a fim de compreender as categorias de complexos e quais circulam nas redes sociais e por quê?

Leituras e releituras de Gaston Bachelard foram e ainda são contínuas na vida da pesquisadora, mas, com tudo isso, ainda persiste uma sensação de que ainda existem complexos que não foram identificados, bem como, a incerteza da existência de material sobre os mesmos. Também se faz necessária, aos estudos bachelardianos, a leitura dos mitos, que são recorrentes, direta ou indiretamente, nos escritos do autor

No mestrado, de tanto a pesquisadora insistir, a orientadora permitiu que se criasse um item na dissertação sobre os Complexos em Gaston Bachelard. Assim, em 1997, foram elencados 22 complexos, destacando-se o **Complexo de Cassandra** e o **Complexo de Prometeu**, os quais foram trabalhados no primeiro artigo da pesquisadora - *A Pedagogia do Imaginário em Gaston Bachelard*⁸. Ainda 1997, a pesquisa de mestrado foi aprovada na Faculdade de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) com nota dez, distinção e louvor.

Nesse primeiro artigo supracitado, destaca-se, especialmente, a importância desses dois complexos para o aprendizado humano e para o aprendizado em educação. Posteriormente, aconteceu em Dijon, um congresso com enfoque nesses dois complexos, Cassandra e Prometeu. A pesquisadora foi convidada para participar desse congresso, mas, infelizmente, por motivos financeiros, não foi possível, naquele período, viajar para a França. Contudo, esse fato não lhe tirou o ânimo, compreendendo que deveria continuar investigando essa categoria – complexo – nas obras de Gaston Bachelard. Recomeçou, então, a reler todas as obras dele. Foi reunindo os complexos, e, depois, os selecionou. Em seguida, juntou-os aos outros que estavam sendo publicados em livros, revistas, jornais e internet.

Na pesquisa de doutorado na Universidade de São Paulo, em 2002, inicialmente, com o Prof. Dr. José Carlos de Paula Carvalho, que se desligou da universidade com a pesquisa em andamento. Graças à generosidade e à sabedoria da orientadora, Prof^a. Dr^a. Maria Cecília Sanchez Teixeira, grande conhecedora da obra de Gilbert Durand, a pesquisadora pôde conhecer amplamente a obra desse autor e, de certa forma, aproximar seus novos estudos aos estudos sobre Gaston Bachelard⁹, mas com um

⁸ SILVA, Luzia Batista de Oliveira. A pedagogia do imaginário em Gaston Bachelard. **Revista Reflexão**: PUC-Campinas - SP, Em 1998.

⁹ A pesquisa, inicialmente era sobre o grande escritor francês, Henri Bosco, amigo e um autor homenageado na última obra de Bachelard, *A chama de uma vela*. A tese tinha como título: *Educação Fática e ritual poético da Palavra: Mitoerítica de Henri Bosco*. Uma pesquisa difícil e complexa, mas foram significativos os avanços, apesar das dificuldades das leituras da língua francesa de um autor provençal, que não autorizou nenhuma tradução de suas obras. A pesquisadora traduziu para seu uso, várias textos e selecionou o material que era do seu interesse na pesquisa. Se propôs a pesquisar a obra de Henri Bosco, adquirindo na época praticamente todas as obras do autor em francês e de comentadores como Michel Guiomar, M. M. Favre, J. Godin, L. Poitras. Muita e muitas páginas de tradução e comentários, foram perdidos porque os disketes enferrujaram. Artigo da autora

outro título e temática. O método escolhido para análise da obra da escritora brasileira, Cecília Meireles, foi a *Mitocrítica*, de Gilbert Durand e a *Fenomenologia Hermenêutica* de Gaston Bachelard. A tese foi aprovada com distinção pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo: FE-USP - 2004.

Durante as leituras da obra de Gilbert Durand, os complexos não passaram despercebidos ao olhar atento da pesquisadora. Esse antropólogo é tributário de 30 complexos, classificados, depois, na pesquisa de pós-doutorado. Durand também criou, em suas obras, complexos, com o mesmo sentido semântico daqueles que foram criados pelo seu mestre, Gaston Bachelard.

Enquanto pesquisava para o doutorado, uma investigação paralela acontecia. Por isso, ao perceber que o autor se referia a um determinado complexo, esse era citado ao modo de Bachelard. Um arquivo foi criado com as informações em separado da pesquisa de doutorado. Enquanto fazia o doutorado, pesquisava, em paralelo, nas bibliotecas, jornais, internet, material para o doutorado, especialmente, sobre Cecília Meireles, mas, também, pesquisava sobre os complexos.

Antes de procurar o Professor Dr. Edgard de Assis Carvalho, para um pós-doutorado no Departamento de Sociologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), a pesquisadora reuniu todos os complexos que já tinha pesquisado e foi conversar com o professor Edgard, que aceitou a proposta de um pós-doutorado sobre os Complexos em 2010. E, então, no ano seguinte, 2011, a pesquisadora mostrou interesse em fazer pós-doutorado na condição de professora visitante, com um intercâmbio em Dijon. O professor, prontamente, aceitou e, assim, o projeto foi enviado para o Centro Gaston Bachelard, que autorizou a pesquisa¹⁰. O intercâmbio foi fundamental e atestou a facilidade da pesquisadora nas leituras da língua francesa, mas, também, mostrou a sua dificuldade, quanto à comunicação com os franceses. A pesquisadora percorreu, praticamente, toda a biblioteca da Universidade de Dijon e também outras, em Lyon e Paris, examinando obras literárias, da filosofia e áreas afins, consultando a internet das instituições por palavras-chaves. O êxito, no entanto, não foi o esperado, mas ela encontrou, na biblioteca de Dijon, uma referência sobre a derivação do *Complexo de Cultura*, o *Complexo de Cultura da Coreia do Sul*, de Hyung-Joon Chin, comentado por Goyon (2000, p. 46). O autor chama atenção para a importância da leitura sobre os aspectos culturais no mundo, a fim de compreendermos as diversas culturas existentes e as emergentes na atualidade.

No dia do embarque para o Brasil, no aeroporto Charles de Gaulle, em Paris, numa banca de jornais, chamou a atenção da pesquisadora uma revista que estampava na capa o *Complexo de Sarkozy*

sobre Henri Bosco: *O thambos ou sentimento da presença do invisível na poética da infância de Henri Bosco*. In Kurek, Deomir; Schroeder, Tania Maria Rechia (Orgs.). **Imaginar: uma constelação de estudos sob a ótica do imaginário**. Uberlândia: Navegando Publicações, 2019, pp.91-110; doi – 10.29388/978-65-81417-00-0-f.91-110.

¹⁰ A pesquisadora contou com o apoio da hoje extinta UNIMEP - Universidade Metodista de Piracicaba - SP, onde a pesquisadora trabalhava como docente do *Stricto Sensu*.

(*complexo de altura de Sarkozy*). Comprou-a e continuou circulando pelo aeroporto. Comprou, também, o jornal *Le Matin Dimanche* (20/ja./2012, p.79), para ler durante a viagem. Mal começou a folheá-lo, para sua sorte, encontrou um outro complexo, *O Complexo da Fada do Sono*¹¹, que diz respeito às mulheres que não querem se casar e nem constituir família. De volta ao Brasil, percorreu muitas livrarias e bibliotecas e a internet até a exaustão, tentando encontrar mais algum complexo. Quando compreendeu que não se pode abraçar o mundo apenas com dois braços, dois olhos, um coração e um cérebro, deu a pesquisa por encerrada. Contudo, na segunda versão, muitos outros complexos foram aparecendo, por isso, inseriu-os na segunda versão do livro sobre os complexos¹².

Por que pesquisar e continuar pesquisando sobre os complexos na atualidade?

A pesquisadora também se perguntou: Por que sua insistência em pesquisar os complexos? Em primeiro lugar porque Gaston Bachelard é, possivelmente, o autor que mais escreveu a respeito dos complexos no mundo (70 até o presente momento), e depois, possivelmente, Gilbert Durand (30 até o presente momento). Pode-se dizer que ambos os autores devem ser lidos, relidos, examinados e reexaminados, dada a vasta obra de ambos, e, certamente, nenhum pesquisador leu ou examinou toda uma obra, considerando, ainda, que são recorrentes, cada vez mais, postagens, nas mídias de comunicação, sobre um complexo, resultado de comparações de ações, atitudes e semelhanças com personagens lendários, polêmicos e do mundo artístico ou político.

Em segundo lugar, porque pode-se ver nos complexos uma riqueza para pensarmos os embates, as falhas, os problemas existenciais, os hábitos positivos e negativos, as virtudes e os vícios da alma humana, os estereótipos que, de certa forma, chamam, de modo geral, a atenção das pessoas para as trilhas e as mazelas que traduzem, muitas vezes, ações e comportamentos do ser humano; chamam a atenção, também, porque eles são criados mediante observações que expressam a conduta humana no mundo e diante das coisas do mundo, especialmente, aquelas que agradam ou incomodam a vida contemporânea das pessoas com suas mazelas. O mundo pede, aos seres humanos, atenção e vigilância, troca, escuta e um olhar curioso, que revela, através da curiosidade e do espanto, a perplexidade das

¹¹ Sylvie Tenenbaum, psicoterapeuta francesa, é autora do *Complexo da Fada do Sono*, a autora escreveu um livro, intitulado de *Le syndrome de la fée Colchetté* (matéria do jornal *Le Matin Dimanche*, de 20/ja./2012, p. 79), no qual, ela comenta a respeito desse complexo. Para Sylvie, a mulher Colchette (fada) tem dificuldade de se relacionar com os homens porque não faz nada para conquistá-los.

¹² SILVA, Luzia Batista de Oliveira. **Teoria Geral dos Complexos: Imagens, Estereótipos e Obstáculos**. Editora Livraria da Física: São Paulo, 2023, 396 pp.

peças diante das barbáries cotidianas, e olhar de sabedoria e inquietação para os aprendizados diversificados que podem aproximar os seres humanos do mundo animal, vegetal e mineral, visto que, tudo que há no mundo, tem uma matéria e esta é fonte de energia, num processo de interação entre pessoas, grupos, em ações e imagens, que, indiretamente, criam mensagens, imagens, obstáculos e estereótipos.

Christian Despont (2012, p.79)¹³ comenta que “un complexe naît aujourd’hui d’un ascendant problématique: au départ, un point fort percute un point faible, ou particulièrement sensible. Un lift puissant sur un revers à une main. Un bras musculeux sur un cœur dèsthète. Une exubérance animale sur un flegme choisi”. Isso significa dizer que “O complexo se fortalece cada vez mais, em proporções equivalentes ao grau de confiança e distorção; um complexo se alimenta de qualquer coisa alienante, contida no subconsciente” (Silva, 2023, p. 57). No sentido terapêutico, “le complexe signifie un ensemble de représentations douloureuses, peu supportables” (Despont, 2012).

No fundo, os complexos têm a ver também com a necessidade que tem o ser humano de nomear as coisas, de querer compreender as suas ações e as de outros seres humanos; tem a ver com o buscar encontrar ressonâncias e proximidades entre os seres humanos e os animais; a necessidade de registrar a vida e suas marcas no mundo, seja em diálogos ou em outras formas de comunicação, como a filosofia, a psicanálise, a poesia. Trata-se também da necessidade de criar, buscar e fazer indagações e provocações, de incentivar um outro ser humano a produzir, construir, falar, amar, viver, libertar-se de uma sociedade opressora, vampiresca, que aplaude a ignorância contra os mais pobres e simples de formação, em todo o planeta.

Por isso, parece fundamental convidar o ser humano ao devaneio, a viver horas felizes como nos ensinou Bachelard, a aprender a trabalhar com e sobre as palavras, as imagens, as situações, numa análise aberta, como a imaginação, o que a obra póstuma de Bachelard, *O direito de sonhar* atesta aos seus leitores e amigos.

No sentido de dar a ver as coisas e a vida psíquico-social e humana, os complexos também revelam a ironia das ações humanas, pois podem revelar o papel da linguagem para seres de linguagem, cuja faceta maior parece ser compreender a nós mesmos e o mundo ao nosso redor, fazer a leitura do mundo, porque “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (Freire¹⁴, 1982, p. 9). Contudo, “a leitura do mundo feita a partir da experiência sensorial não basta” (Freire, 1997a, p. 21). É fundamental ir além

¹³ Christian Despont, In *Journal Le matin Dimanche*, 20/jan./2012, p. 79.

¹⁴ Paulo Reglus Neves Freire (19/09/1921 Recife-PE-BR - 02/05/1997 São Paulo - BR) - é um escritor, educador e filósofo brasileiro, considerado um dos maiores educadores do mundo; é o patrono da Educação no Brasil e um dos pensadores mais notáveis da pedagogia mundial, a pedagogia crítica. Sua obra mais relevante e lida no mundo é *Pedagogia do Oprimido*.

das impressões, isto é, ir à caça de palavras, de ideias, de fatos e acontecimentos. É fundamental, numa pesquisa, contribuir para revelar como nós, seres humanos, seres da razão, da política, da loucura, da violência da ordem e da desordem, da felicidade e da infelicidade, do riso e do choro, da poesia e da ciência, agimos, sonhamos e devaneamos no que se refere aos elementos, à matéria que nos atrai e àquela que nos causa repulsa. Bachelard atesta essa leitura do mundo, tal como nos ensina Paulo Freire.

A leitura do mundo tratada na obra de Paulo Freire é a leitura de um sujeito que habita o mundo e tenta revelá-lo para melhor compreendê-lo, mas esse sujeito espera ser possível compartilhar sua leitura, porque, como seres da linguagem, podemos nos comunicar pela/com a linguagem. Certamente porque o mundo da linguagem e da palavra é anterior à leitura do mundo, na qual podemos expressar nossos sentimentos, vontades, virtudes, saberes, energias, loucuras, paixões, sabedorias, recalques. É também o mundo em que podemos trocar, interagir e agir, expressando verdades, histórias, memórias, crenças, belezas, mas, também, preconceitos, ideias, distorções, simulações e dissimulações.

No sentido de Freire, nossa visão do mundo traduz nossa leitura do mundo, seja ela encantada ou desencantada, apaziguada ou revoltada, feliz ou infeliz; traduz, também, de certa forma, aquilo que podemos compreender e aquilo que ainda não sabemos expressar; também tem a ver com aquilo que conseguimos compreender ou aquilo que desafia a nossa compreensão, que nos incomoda, que nos provoca ou incentiva, que parece ter uma dimensão para além da ação do ser humano.

Nesse contexto, os complexos fazem parte do imenso acervo bachelardiano sobre a filosofia e a poética filosófica, pois revelam nosso aprendizado ou nossa inconformação humana no mundo, sobre o mundo e sobre as relações humanas no mundo, não apenas com outros seres humanos, mas também, com os animais irracionais, nossos amigos, nossas companhias; revelam, também, a nossa sede primitiva de caçá-los a fim de expressar nossa coragem ou nossa covardia para com os seres indefesos. Mesmo que seja o animal mais feroz da floresta, é o ser humano que vai até a floresta e não o contrário... A morte dos animais, como algo prazeroso, deve ser combatida no mundo todo, assim como o consumo exagerado deles. A morte de nenhum ser vivo pode ser vista como um troféu. Não se trata de sacrifício, mas de um sacrilégio cometido pelos seres humanos com outros seres.

A primitividade humana, hoje, está sendo demonstrada por ações e inações que nos assombram. Estamos falando, por exemplo, da brutalidade, da indiferença, da frieza com a vida do outro, com a vida planetária. Por isso, é fundamental nos incomodarmos e incentivarmos as lutas por uma vida digna para todos os seres vivos e por uma ética do vivente planetário.

Quantas ações midiáticas, hoje, poderíamos relacionar com os complexos? Os complexos não são criados, eles são revelados pelo tipo de ação humana praticada. Em razão disso, é feita a leitura do mundo por aqueles que os nomeiam pelas palavras que aproximam as ações, comportamentos, imagens

às figuras mitológicas, lendárias, poéticas, sociais, políticas, de acordo com a tipologia humana e a complexidade que lhes são inerentes.

Podemos constatar nas imagens cotidianas da sociedade, como nas imagens descritas pelos escritores, poetas e psicanalistas, que algumas nos atraem e outras nos espantam e outras nos assustam, provocam repulsa, repugnância, revolta, tristeza, inconformismo, imagens também sujeitas às ambiguidades, contradições, similaridades e diferenças. Repelimos algumas imagens, enquanto outras nos atraem quer se refiram a coisas grandes ou pequenas. Ressalte-se o fato de que todas elas habitam o mundo, o mesmo mundo que os humanos e desumanos seres da violência, da desordem, da loucura, do mundo extremamente racionalizado, administrado, vulgarizado, mediatizado, frenético e voraz habitam o mundo onde muitos perdem a saúde mental e até desistem da vida por acreditarem que não existe saída saudável para uma sociedade doente. O mundo se encontra em estado de putrefação (Strauss, 2011), é Strauss chamando nossa atenção, desde os anos 80, para o cenário político da Alemanha e do mundo.

Parece fundamental, então, observar aquilo que consideramos a conquista de uma vitória, "um troféu", uma recompensa justa, fazendo crer que se trata de alguém acima de tudo e de todos, em detrimento da vida humana e sua dignidade. Perdemos, a cada dia, nossa saúde vital e mental como seres ultrarracionais, insensíveis, antiéticos e antipolíticos. E se soubermos identificar e nomear as coisas, veremos que os complexos podem expressar muitos entraves a todos – vivos e sobreviventes – numa sociedade injusta, sanguinária e excludente.

Diante do exposto, parece ser possível nomear um complexo atualíssimo num mundo dos capitalistas, desumanizado, pleno de imagens e falas/palavras que ofendem e escandalizam, comportamentos questionáveis e tendenciosos. Diante disso, pode-se falar num possível *Complexo de vampirização planetária*, representado pelos "donos do planeta", os hiper e ultra capitalistas que estão por toda a parte, os quais, ano após ano, dia após dia, minuto após minuto, expandem seus negócios e acumulam riquezas impossíveis de serem calculadas. A máquina do capitalista vampiresco é primitiva, selvagem, sanguinária e desumanizadora, e avança, implacavelmente, sobre a natureza e a vida humana, objetivando a exclusão daqueles que não cooperam e que se tornam um empecilho para os seus negócios. A pobreza é cotidianamente alimentada e explorada o tempo todo no planeta; a vida torna-se descartável; a crueldade é apenas um detalhe, a segurança é uma palavra sem equivalência semântica, palavra oca, vazia de sentido. A figura do ser humano generoso, fraterno, humilde, cordial, caridoso é desbotada, menosprezada e esquecida. Por isso, torna-se urgente alimentarmos esse ser generoso e fraterno a fim de que, com isso, possamos contribuir para a saúde do planeta.

Mas ainda que esses exploradores violem sem piedade a vida planetária, existem os defensores dessa vida planetária que estão em vigilância, como filósofos, sociólogos, antropólogos, historiadores,

juristas, educadores, escritores e trabalhadores do mundo. Milhões deles são incansáveis defensores do direito à vida planetária, dos direitos humanos e da dignidade da vida para todos os seres vivos, e milhares não se cansam de protestar e de criar maneiras de proteger e lutar para a libertação das formas de prisão e vampirização a que eles estão sujeitos, enfim, de lutar pela humanização do planeta.

Estamos vivendo, presenciando e nos encolhendo perante os horrores cotidianos que a mídia mostra. Mas não nos enganemos, pois essa visibilidade também faz parte da exploração; está inserida no mundo da agressão e da violência, cuja obra de Isidore Ducasse tornou-se real na atualidade, ganhou o mundo com maestria e selvageria.

A conquista das riquezas planetárias, as explorações e as tecnologias poderiam aliviar os sofrimentos humanos, os quais são cotidianamente ignorados pela exploração capitalista. No mundo, como já dito anteriormente, temos um complexo do destruidor do planeta. É oportuno dizer que no Brasil e outros países, mundo afora, existe também um complexo novo, *O Complexo de Salvador da Vida Planetária*, que tem a ver também, com os povos indígenas do Brasil e, quiçá, do mundo, que são aqueles que pagam com a vida para tentar salvar a *Mãe Terra Brasil*, a *Mãe Natureza*, a *Mãe Planetária*. São pessoas engajadas ou pessoas simples que vivem do que produz a Mãe Natureza; pessoas que amam o lugar onde vivem e, acima de tudo, que compreendem o quão relevante é a preservação do seu *habitat* e, por extensão, a do próprio planeta; pessoas que, pondo em risco a própria vida, lutam para que os seres vivos não pereçam e que a desertificação não aconteça diante da intensificação das mudanças climáticas, talvez, irreversíveis. Por isso, assustados e aterrorizados, podem causar muitas mortes, especialmente, dos que não podem se refugiar em nenhum abrigo, dos que estão desamparados e ignorados neste mundo capitalista insensível e desumano.

CONCLUSÃO

Ao finalizar este artigo, parece fundamental, para esta pesquisadora, uma releitura de toda a obra bachelardiana por pesquisadores que conhecem a sua obra e por aqueles que ainda mantêm um olhar de curiosidade e espanto sobre si mesmo, o outro, a vida dos seres vivos e a vida planetária, por aqueles que se animem a ver mais, escutar mais, a querer saber mais e conhecer mais, fazendo leituras, cruzando-as e fazendo emergir como o *Lautréamont* que habita o coração humano e o mundo, que tornou-se real, com suas vontades, iras cósmicas, violências, mortes por bestialidade. Leitura ou releitura visto que nunca o mundo foi tão ducassiano como o que estamos vivendo, com ciência de ponta, com riquezas acumuladas de um lado a outro do mundo, e nunca o ser humano agiu com tamanha desonestidade, frieza, despudor,

insensibilidade e crueldade. É, por isso, oportuno lembrar que "O homem (ser humano) morre também do mal de ser homem (humano), de realizar demasiado cedo e demasiado sumariamente a sua imaginação, de esquecer, enfim, que poderia ser um espírito" (Bachelard, 1989, p.18).

Um outro aspecto, a meu ver, pouco explorado em Bachelard, é um estudo sobre os mitos, dado que eles aparecem disseminados em suas obras. Em virtude disso, seria necessário estudá-los porque é possível que se encontrem muitas conexões entre eles e a sua vasta obra, mas que não foram devidamente explorados pelos seus leitores, mas o foram pelos leitores de Durand. É possível que os mitos tenham ligações com a teoria dos complexos em Bachelard? Talvez, e, por que não?

REFERÊNCIAS¹⁵

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. Tradução de Antonio de Padua Danesi São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BACHELARD, Gaston. **Lautréamont**. Tradução de maria Isabel Braga. Lisboa: Litoral Edições, 1990.

BACHELARD, Gaston. **A Psicanálise do Fogo**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 23 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler** – em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1982.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**: Cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Editora Olho D'Água. 10.ed. 1997a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra. 1997b.

OLIVEIRA, Lu. A deseducação e a embriaguês dos sentidos (crônica). **Narrando histórias sem linha nem carretel**. São Paulo: Livraria da Física, 2023, p.16-17.

SILVA, Luzia Batista de Oliveira. A Pedagogia do Imaginário em Gaston Bachelard. **Revista Reflexão**: Campinas - SP, 1998.

SILVA, Luzia Batista de Oliveira. **Psicanálise, poética e epistemologia**: a contribuição de Gaston bachelard. Londrina: UEL, 1999.

SILVA, Luzia Batista de Oliveira. **Psicanálise, poética, epistemologia e educação**: a contribuição de Gaston bachelard. 2 ed. revista e ampliada. São Paulo: Livraria da Física, 2018.

SILVA, Luzia Batista de Oliveira. **Teoria geral dos Complexos**: imagens, estereótipos e obstáculos. São Paulo: Livraria da Física, 2023.

STRAUSS, Leo. O que é a Filosofia Política. Leviathan – **Cadernos de Pesquisa Política**, n. 2, pp. 167-193, 2011.



SILVA, Luzia Batista de Oliveira. A Teoria Geral dos Complexos: Uma Leitura do Mundo Inscrita no Coração do Filósofo-poeta Gaston Bachelard. *Kalagatos*, Fortaleza, vol.21, n.3, 2024, eK24069, p. 01-16.

Recebido: 08/2024

Aprovado: 09/2024